



# **ACADEMIA MILITAR**

**Mestrado Integrado em Ciências Militares na especialidade de Segurança**

## **IRA CONTIDA E IRA MANIFESTA – ESTUDO DE CASO APLICADO AO GRUPO DE INTERVENÇÃO DE ORDEM PÚBLICA DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA**

**Autor:** Aspirante de Infantaria da GNR Vitalie Mitul

**Orientador:** Prof. Doutora Elisabete Sofia Nabais de Oliveira de Freitas e Menezes

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada**

**Lisboa, setembro de 2019**



# **ACADEMIA MILITAR**

**Mestrado Integrado em Ciências Militares na especialidade de Segurança**

## **IRA CONTIDA E IRA MANIFESTA – ESTUDO DE CASO APLICADO AO GRUPO DE INTERVENÇÃO DE ORDEM PÚBLICA DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA**

**Autor:** Aspirante de Infantaria da GNR Vitalie Mitul

**Orientador:** Prof. Doutora Elisabete Sofia Nabais de Oliveira de Freitas e Menezes

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada**

**Lisboa, setembro de 2019**

## EPÍGRAFE

*“A ira é um ácido que pode causar mais danos ao vaso em que é armazenado do que a qualquer coisa sobre a qual é derramado.”*

Mark Twain<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Mark Twain Quotes. (n.d.). BrainyQuote.com. Retrieved May 10, 2019, from BrainyQuote.com

## **DEDICATÓRIA**

À minha família, da qual muito me orgulho.

A vós devo todas as minhas conquistas.

## **AGRADECIMENTOS**

Depois de ter concluído este trabalho, restou manifestar os meus agradecimentos a todos os que de alguma forma ou de outra contribuíram para a sua realização.

Um especial obrigado à minha orientadora que teve a sua gentileza de me auxiliar nas minhas dúvidas, despedindo do seu próprio tempo.

Agradeço também ao Comandante do GIOP e os demais oficiais que me proporcionaram a oportunidade de realizar os inquéritos aos militares sob o seu comando, os quais também são merecedores do meu agradecimento por terem participado neste estudo.

## RESUMO

O presente Trabalho de Investigação Aplicada intitula-se: *Ira Contida e Ira Manifesta – Estudo De Caso Aplicado Ao Grupo De Intervenção De Ordem Pública Da Guarda Nacional Republicana* e tem como objetivo geral que incidirá sobre a observação dos índices de expressão de ira (contida e manifesta) de modo a apresentar uma avaliação do controlo da ira interna e externa. A metodologia empregue nesta investigação assenta nos métodos descritivo e inquisitivo e visa, com recurso à análise documental e a inquéritos, desenvolver uma cadeia de raciocínio, tendo em vista a resposta a perguntas derivadas e concluindo com a resposta à pergunta de partida, dando privilégio a uma abordagem quantitativa.

Neste estudo serão abordados temas relacionados com as emoções e expressões faciais, dando a conhecer a evolução da discussão sobre o que são as emoções e aquilo que é hoje em dia aceite na comunidade científica em relação aos vários conceitos relacionados com estes temas. Estes conceitos que serão mais tarde interligados ao serviço dos militares do Grupo de Intervenção de Ordem Pública, onde o controlo das emoções e das expressões faciais tem extrema importância, devido a sua interação diária com situações de carácter emocional. Neste estudo apenas a emoção de ira será objeto análise, pelo que vai ser utilizado o Inventário de Estado-Traço de Expressão da Ira, versão 2 (STAXI-2) que foi adaptado a população portuguesa.

Com a análise dos dados pode-se concluir que apesar de os valores de ira nos militares do GIOP estarem muito próximos dos valores padrão, encontram-se acima da população normal, o que seria de esperar, devido a sua preparação técnica e treino.

**Palavras-chave:** Emoções; Expressões faciais; Guarda Nacional Republicana; STAXI-2; Ira; Ira.

## ABSTRACT

The present work of Applied Research is entitled: *Ira Contida e Ira Manifesta – Estudo De Caso Aplicado Ao Grupo De Intervenção De Ordem Pública Da Guarda Nacional Republicana* and has as general objective the focus on the observation of indices of expression of anger (contained and manifested) in order to present an assessment of internal and external anger control. The methodology used in this research is based on descriptive and inquisitive methods and aims, through documentary analysis and surveys, to develop a chain of reasoning, with a view to answering derived questions and concluding with the answer to the question of departure, giving privilege to a quantitative approach.

In this study, themes related to emotions and facial expressions will be addressed, giving an overview of the evolution of the discussion about what emotions are, and what is nowadays accepted in the scientific community in relation to the various concepts related to these themes. These concepts will later be linked to the military service of the Intervention Group of Public Order, where the control of emotions and facial expressions are extremely important, due to their daily interaction with emotional situations. In this study only the emotion of anger will be object of analysis, so the State-Trait Expression of Anger Inventory, version 2 (STAXI-2) will be used wich was adapted to the Portuguese population.

With the analysis of the data, it can be concluded that although the Iraqi values in the GIOP military are very close to the standard values, the values above the normal population, or expectation expectation, due to their technique and training.

**Keywords:** Emotions; Facial expressions; Republican National Guard; STAXI-2; Rage, Anger.

# ÍNDICE GERAL

<b>Índice de figuras</b> .....	ix
<b>Índice de tabelas</b> .....	x
<b>Lista de apêndices</b> .....	xi
<b>Lista de abreviaturas, siglas e acrônimos</b> .....	xii
<b>Introdução</b> .....	1
<b>Capítulo 1. Das emoções</b> .....	3
1.1. Emoção – Perspetiva Clássica .....	3
1.2. Teoria Da Emoção Construída .....	6
1.3. A Emoção Ira .....	8
<b>Capítulo 2. Da atividade policial</b> .....	10
2.1. A Polícia .....	10
2.1.1. A Função De Polícia.....	10
2.2. O GIOP.....	13
<b>Capítulo 3. Metodologia</b> .....	15
3.1. Natureza Da Investigação .....	19
3.2. Modelo De Análise .....	19
3.3. Método De Abordagem Da Investigação.....	20
3.4. Recolha De Dados.....	21
3.5. Sujeitos Dos Inquéritos .....	21
3.6. Local E Data Da Pesquisa E Recolha De Dados .....	21
<b>Capítulo 4. Apresentação, análise e discussão dos resultados</b> .....	23
4.1. Caracterização da amostra .....	23
4.2. Análise À Validade Do STAXI-2 .....	23
4.3. Análise De Consistência Interna Do STAXI-2.....	26
4.4. Estatísticas Descritivas Do STAXI-2 .....	28
<b>Conclusões e recomendações</b> .....	31
<b>Referências bibliográficas</b> .....	33

<b>Apêndices.....</b>	<b>I</b>
-----------------------	----------

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Emoções básicas.....	5
--------------------------------	---

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Escalas do STAXI-2 (Fonte: Marquês, 2007).....	18
Tabela 2 - Estrutura fatorial das escalas de Estado de ira e Traço de ira (STAXI-2).....	25
Tabela 3 - Estrutura fatorial das escalas de Controlo e de Expressão da ira (STAXI-2). ....	26
Tabela 4 - Consistência interna (alfa de Cronbach) das escalas e subescalas do STAXI-2. ....	28
Tabela 5 - Caracterização descritiva das diferentes escalas e subescalas do STAXI-2. ....	29
Tabela 6 - Caracterização descritiva (média total e média por sexo) das escalas e subescalas do STAXI-2. Comparação dos dados normativos com os valores obtidos. ....	30

## **LISTA DE APÊNDICES**

**Apêndice A** Carta de apresentação

**Apêndice B** Questionário

## **LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS**

ACP – Análise Em Componentes Principais  
CEI – Controlo Externo da Ira  
CII – Controlo Interno da Ira  
FS – Forças de Segurança  
GIOP – Grupo de Intervenção de Ordem Pública  
GNR – Guarda Nacional Republicana  
IC – Ira Contida  
IE – Ira-Estado  
IEI – Índice de Expressão de Ira  
IE-F – Expressão física  
IE-S – Sentimento  
IE-V – Expressão verbal  
IM – Ira Manifesta  
IT – Ira-Traço  
IT-T – Temperamento  
IT-R – Reação  
LOGNR – Lei Orgânica da Guarda Nacional Republicana  
MROP – Manutenção e Restabelecimento da Ordem Pública  
STAXI-2 – Inventário da Expressão da Ira Estado-Traço, versão 2  
UI – Unidade de Intervenção

## INTRODUÇÃO

Numa sociedade livre e democrática, o controlo de distúrbios civis é uma missão difícil que exige preparação cuidada e execução rigorosa por parte das Forças de Segurança (FS) e, neste caso em particular, é o objeto de estudo deste trabalho, pelo Grupo de Intervenção de Ordem Pública da Guarda Nacional Republicana, que daqui em diante será referida como GIOP. Uma atuação inoportuna, imprópria ou mal-executada por parte das FS poderá originar um agravamento da situação. O estado final a atingir na presença de distúrbios é, em todas as circunstâncias, a reposição da normalidade na vida social. Quando não se consegue obter o controlo imediato e total, após avaliação das condições que influenciam a situação particular, procura-se reduzir, ao mínimo possível, o distúrbio (Oliveira, 2014).

O GIOP assume uma posição que permita exercer o esforço numa ação de contenção, evitando que o conflito evolua ao mesmo tempo que garante a sua própria segurança. Por um lado, deve evitar impor um grau de controlo para além das suas capacidades reais, através de medidas de força drásticas, uma vez que estas só irão agravar a situação; por outro lado, deve desenvolver uma ação eficaz que lhes possibilite obter um grau de segurança aceitável. A avaliação da situação pelo comandante está sujeita à informação disponível que, fruto da sensibilidade deste tipo de situações, dado muitas vezes serem imprevisíveis, raramente é suficiente. A análise das modalidades de ação baseia-se nos fatores de decisão, sendo preponderante para uma correta avaliação e gestão de risco.

Contudo, as condições para a realização dessa gestão do risco nem sempre são favoráveis, influenciadas sobretudo pelas perturbações, quer físicas quer verbais, que a população exerce sobre os militares, podendo dar origem ao desconforto, tanto físico como psicológico, desses militares. Esse desconforto pode manifestar-se de várias formas, sendo uma delas a expressão da ira. E é na forma como esses militares expressam ou não a sua ira que este estudo se vai focar, pois existem poucos estudos que ligam o controlo das emoções à atividade policial. Neste sentido, torna-se necessário que os militares disponham de ferramentas que possibilitem lidar com este tipo de situações de desconforto, que tanto pode ser lidar com um cidadão embriagado como com uma associação criminosa, devendo fazê-lo, em qualquer dos casos, da forma mais célere e apropriada. Duas dessas ferramentas são o conhecimento e controlo dos seus níveis de literacia emocional e logo,

da sua própria inteligência emocional.

A literacia emocional é um conceito que foi criado no final da década de 1970, por Claude Steiner<sup>2</sup> e “compõe-se de três capacidades: a capacidade de compreender as suas emoções, a capacidade de escutar os outros e sentir empatia com as suas emoções e a capacidade de expressar as emoções de um modo produtivo.” (Steiner, 2000). Constitui-se como uma componente essencial do poder pessoal e de autocontrolo, porquanto utiliza a análise transacional<sup>3</sup> das emoções e a forma como interagimos com os outros.

Inteligência emocional é um conceito estudado em Psicologia e que descreve a capacidade de reconhecer e avaliar os seus próprios sentimentos e os dos outros, assim como a capacidade de lidar com eles. Segundo Salovey e Mayer (2000), a inteligência emocional é “[...] a capacidade de perceber e exprimir a emoção, assimilá-la ao pensamento, compreender e raciocinar com ela, e saber regulá-la em si próprio e nos outros.” Goleman (1998) define-a como “[...] capacidade de identificar os nossos próprios sentimentos e os dos outros, de nos motivarmos e de gerir bem as emoções dentro de nós e nos nossos relacionamentos.” Estes autores dividem a inteligência emocional em várias categorias, mas todos têm uma em comum, o controlo emocional, que constitui o aspeto mais facilmente reconhecido da inteligência emocional – a aptidão para gerir os próprios sentimentos. Com isto, podemos afirmar que os militares do GIOP deveriam controlar a ira através da gestão e controlo da sua própria inteligência emocional. No entanto, para chegar a esta conclusão, é necessário perceber a ligação que existe entre o estado de emoção do militar e os seus comportamentos.

Para tal, foi aplicado, aos militares do GIOP, um dos instrumentos mais utilizados pela comunidade científica internacional para avaliar as dimensões referentes à experiência (emoção) e expressão (comportamento) de ira que é o inventário da Expressão da Ira Estado-Traço STAXI-2 ou *State-Trait Anger Expression Inventory-2*, de Spielberger, 1999 (Marquês, Mendes e Sousa, 2007). O objetivo geral deste instrumento é a análise dos índices de expressão de ira nos militares do GIOP. Pretende-se desta forma, compreender quais as potencialidades e vulnerabilidades que se podem extrair e usar para o entendimento da ira contida e manifesta desses militares, no âmbito da sua missão de controlo de distúrbios civis, principalmente, através do Inventário da Expressão da Ira Estado-Traço (STAXI-2; Spielberger, 1999), na sua Adaptação para Português.

---

<sup>2</sup> Steiner foi um psicoterapeuta e escritor extensivo sobre análise transacional, os seus escritos concentram-se em literacia emocional, entre outros.

<sup>3</sup> Informalmente conhecida como AT, estuda e analisa as trocas de estímulos e respostas, ou transações entre indivíduos.

# CAPÍTULO 1. DAS EMOÇÕES

## 1.1. Emoção – Perspetiva Clássica

A contribuição mais notória que a ciência básica fez para a nossa compreensão da emoção diz respeito à universalidade das expressões faciais. Darwin (1872) foi o primeiro a sugerir que elas eram universais; as suas ideias sobre as emoções eram uma peça central da sua teoria da evolução, sugerindo que as emoções e as expressões eram biologicamente inatas e evolutivamente adaptativas, e que as semelhanças nelas podiam ser vistas filogeneticamente<sup>4</sup>. As primeiras pesquisas de Darwin, no entanto, foram inconclusivas (Ekman, Friesen & Ellsworth, 1972), e a perspetiva dominante na psicologia era de que as expressões faciais eram específicas da cultura - ou seja, assim como toda cultura tinha a sua própria linguagem verbal, tinha a sua própria linguagem de expressões faciais. As alegações de Darwin foram ressuscitadas por Tomkins (1962, 1963), que sugeriu que a emoção era a base da motivação humana e que a sede da emoção estava no rosto. Tomkins conduziu o primeiro estudo demonstrando que as expressões faciais estavam associadas de maneira confiável a certos estados emocionais (Tomkins e McCarter, 1964).

Mais tarde, Tomkins recrutou Paul Ekman e Carroll Izard para conduzir o que é conhecido hoje como os “estudos de universalidade”. O primeiro deles demonstrou um alto acordo intercultural em julgamentos de emoções em rostos por pessoas alfabetizadas (Ekman, 1972, 1973)<sup>5</sup> e culturas pré-letradas (Ekman & Friesen, 1971; Ekman et al., 1969). Em seguida, o estudo de Friesen (1972) documentou que as mesmas expressões faciais foram produzidas espontaneamente por membros de culturas muito diferentes em reação a filmes provocadores de emoções várias.

Por mais de 100 anos os cientistas discutiram se a expressão facial é universal ou específica para cada cultura. Por um lado, Darwin (1872), Lorenz (1965) e Eibl-Eibesfeldt (1972) argumentaram que as expressões faciais são um comportamento inato e evoluído. Por outro lado, Birdwhistell (1970), Klineberg (1940), LaBarre (1947), Leach (1972) e Mead (1975) argumentaram que as expressões faciais são, ao contrário, uma linguagem, socialmente aprendidas, culturalmente controladas e variáveis. Alterando de uma

---

<sup>4</sup> Filogenia é o estudo da relação evolutiva entre grupos de organismos, que é descoberto por meio do sequenciamento de dados moleculares e matrizes de dados morfológicos (sequências de ADN).

<sup>5</sup> Vide Ekman & Friesen, 1971; Ekman, Sorenson, & Friesen, 1969; Izard, 1971.

configuração para outra.

Nem todos os que estudam as emoções chegam a pensar que é necessário explicitar a sua própria definição. Ninguém explicou como é que eles distinguem os limites da emoção, como a emoção difere do reflexo, do motivo, do humor ou da atitude. Quando Friesen e Ekman começaram o estudo de expressões facilitadoras, conseguiram, obter mais de 30.000 metros de rolos de filme que Carleon Gajdusek (1963) havia filmado sobre duas culturas pré-federados da Nova Guiné no final dos anos 50 e início dos 60, antes que esses povos tivessem qualquer contato com o mundo exterior. Essas culturas não mostravam nenhuma expressão que não havia sido vista antes; não havia expressões faciais únicas. Embora as pessoas parecessem muito exóticas nas suas roupas e noutros aspetos do seu comportamento, as suas expressões faciais eram totalmente familiares. As suas expressões faciais, não eram uma língua estrangeira. Depois de estudar esses filmes, Friesen e Ekman, propuseram-se a explorar sistematicamente a possibilidade de universalidade na expressão facial.

As suas experiências mais conhecidas envolveram a exibição de fotografias de expressões faciais para observadores de diferentes culturas e pedindo-lhes para verificar numa lista a emoção que viram. Observadores em cinco culturas deram a mesma interpretação de cada face. Num estudo diferente do de Friesen e Ekman, Carroll Izard (1971) fez exatamente a mesma experiência, com diferentes fotografias de expressões faciais e uma lista diferente de termos emocionais e obteve resultados muito semelhantes. Embora satisfeitos por terem conseguido obter fortes evidências de universalidade na expressão, que se encaixavam nas suas impressões ao ver os filmes da Nova Guiné, Ekman e Friesen ficaram perplexos sobre pessoas sábias, como os antropólogos Weston La Barre e Margaret Mead, que haviam estudado muitas culturas, chegaram a uma conclusão contrária sobre a expressão facial. Ekman chegou à noção das regras de exibição (Ekman & Friesen, 1969) para reconciliar as suas descobertas com a observação de diferenças culturais. As regras de exibição são hábitos aprendidos sobre quem pode mostrar que emoção, a quem e quando podem mostrá-la. As regras de exibição em muitas culturas ocidentais são: os homens não devem chorar; as mulheres não devem mostrar ira; os perdedores não devem gritar em público e os vencedores não devem parecer muito felizes em ganhar (Ekman & Friesen, 1969). Friesen e Ekman presumem que essas regras de exibição são aprendidas cedo na infância, assim como, que elas variam com a classe social e origem étnica dentro das culturas, assim como entre culturas.

Desde o estudo original da universalidade, mais de 30 estudos que examinavam as

expressões faciais, replicaram o reconhecimento universal de emoção na face (Matsumoto, 2001). Além disso, uma meta-análise de 168 conjuntos de dados que examinam julgamentos de emoção na face e outros estímulos não-verbais indicaram reconhecimento universal de emoção bem acima dos níveis de chance (Elfenbein & Ambady, 2002). E houve mais de 75 estudos que demonstraram que essas mesmas expressões faciais são produzidas quando as emoções são provocadas espontaneamente (Matsumoto, Keltner, Shiota, Frank e O'Sullivan, 2008). Essas descobertas são impressionantes, uma vez que foram produzidas por diferentes pesquisadores em todo o mundo em diferentes laboratórios, usando diferentes metodologias com participantes de diferentes culturas, mas todos convergindo para o mesmo conjunto de resultados. Assim, há fortes evidências para as expressões faciais universais de sete emoções - ira, desprezo, repulsa, medo, alegria, tristeza e surpresa. Outros corpos de evidência fornecem suporte para as fontes biológicas e genéticas das expressões faciais da emoção. Por exemplo, quando as emoções são espontaneamente despertadas, mesmo indivíduos cegos congenitamente produzem as mesmas expressões faciais que os indivíduos com visão (Cole, Jenkins, & Shott, 1989)<sup>6</sup>.



Figura 1- Emoções básica, Fonte: <https://fredericoporto.com.br/importancia-das-emocoes>.

<sup>6</sup> Vide Galati, Miceli e Sini, 2001; Galati, Sini, Schmidt, & Tinti, 2003; Matsumoto e Willingham, 2009.

Como tal, segundo a perspectiva clássica das emoções, se um indivíduo está a experienciar uma determinada emoção e a demonstrar através da sua expressão facial, as pessoas à sua volta irão perceber o sentimento desse indivíduo, pois conseguem reconhecer os traços faciais, entre outros indicadores, que preconizam as várias emoções existentes. Apesar de isto parecer bastante óbvio, estudos mais recentes já têm uma explicação diferente para nos fazer perceber as emoções. É o caso da Teoria da Emoção Construída, de Lisa Feldman Barrett, professora de Psicologia da *Northeastern University*, que se concentra no estudo da emoção.

## **1.2. Teoria da Emoção Construída**

A Teoria da Emoção Construída pertence a um conceito científico mais amplo chamado construtivismo, que sustenta que as suas experiências e comportamentos são criados no momento por processos biológicos no cérebro e no corpo (Barrett, 2017). O construtivismo é baseado num conjunto de ideias muito antigas que remontam à Grécia Antiga, quando o filósofo Heráclito escreveu: “Nenhum homem pisa no mesmo rio duas vezes”, porque apenas uma mente percebe que um rio está em constante mudança, e, por isso, sempre um corpo distinto de água. Hoje, o construtivismo abrange muitos tópicos, incluindo a memória, percepção, doença mental e a emoção.

Uma abordagem construtivista da emoção tem algumas ideias centrais (Barrett, 2017). Uma ideia é que uma categoria de emoção como ira, ou nojo, não tem uma impressão digital. Uma emoção de ira não precisa de parecer ou sentir-se sempre da mesma forma, nem será causada pelos mesmos neurónios. A variação é a norma. A vivência da ira numa pessoa não é necessariamente a mesma que noutra pessoa, embora, se forem as duas criadas em circunstâncias semelhantes, provavelmente terão alguma semelhança.

Outra ideia central é que as emoções que uma pessoa sente e percebe não são uma consequência inevitável dos seus genes. O que é inevitável é que a pessoa terá de formular alguns conceitos para dar sentido à percepção sensorial do seu corpo do mundo, porque o cérebro humano tem essa finalidade. Conceitos específicos como "ira" e "nojo" não são geneticamente predeterminados. Os conceitos das várias emoções são-nos familiares apenas porque são embutidos num contexto social particular onde uma pessoa cresce, onde esses conceitos têm significado e são úteis, e o cérebro aplica-os inconscientemente para construir as experiências vividas. As alterações da frequência cardíaca são inevitáveis, mas

o seu significado emocional não é. Outras culturas podem ter outros significado para a mesma percepção sensorial (Barrett, 2017).

A Teoria da Emoção Construída incorpora ideias de várias vertentes do construtivismo (Barrett, 2017). Uma vertente, o construtivismo social, estuda a importância dos valores e interesses sociais para determinar como nós percebemos e agimos no mundo. Outra vertente, o construtivismo psicológico, propõe que as percepções, pensamentos e sentimentos sejam construídos a partir de partes mais básicas. Alguns filósofos do século XIX viam a mente como um grande conjunto de química, combinando sensações mais simples em pensamentos e emoções, da mesma forma que os átomos se combinam para formar moléculas. Também tem ideias do neuro-construtivismo, que explica como os neurónios criam ligações entre si ao longo da nossa vida. A teoria da emoção construída incorpora elementos de todas estas três vertentes do construtivismo. Do construtivismo social, reconhece a importância da cultura e dos conceitos. Do construtivismo psicológico, considera as emoções construídas pelos sistemas centrais do cérebro e do corpo. E do neuro-construtivismo adota a ideia de que a experiência interliga o cérebro (Barrett, 2017).

No seu livro, Barrett desenvolve esta sua Teoria da Emoção Construída, como sendo uma alternativa à Visão Clássica de que as emoções acontecem com uma pessoa. Em vez da “ira”, escalando de algum lugar de dentro do cérebro devido ao seus neuro-químicos reagirem a um estímulo físico, a Teoria da Emoção Construída diz que uma pessoa cria e continua a criar o seu relacionamento com o conceito de “ira” em harmonia com o seu ambiente, educação e como é que essa pessoa vê o mundo através da sua Realidade Social. Esta é uma ideia não intuitiva e contrária àquela de como entendemos as emoções, especialmente no mundo ocidental. Quando sentimos “ira”, parece que vem de dentro e respondemos de acordo. Mas, Barrett diz que é apenas como nós sentimos as emoções, porque foi-nos explicado dessa maneira.

A ira parece tão universal que pode não ser o melhor exemplo da teoria de Barrett. No seu livro, ela usa vários exemplos e um dos mais poderosos é a palavra de origem alemã *schadenfreude*. Na língua inglesa, e portuguesa também, não existia a palavra ou conceito de “prazer derivado do infortúnio de outra pessoa” e, portanto, os ingleses não sentiam explicitamente essa emoção mais do que uma mistura confusa de emoções até que a palavra alemã fosse adotada para inglês. Agora que têm a linguagem, têm a emoção. A relação de realidade social construída literalmente cria a emoção dentro de nós, sendo não só o nosso próprio ser um co-criador integral da emoção, mas também a realidade social.

Como outros exemplos, Barrett compartilha o conceito japonês de quando alguém lhe

faz um favor que ela não queria e que pode ter-lhe causado dificuldades, mas é preciso que ela seja grata de qualquer forma. Ou o conceito espanhol de sentir pena do infortúnio de outra pessoa. Há traduções emocionais à letra para o português, mas elas não são a mesma emoção sentida que as da língua original. Para entender esses conceitos, é preciso gastar muita energia para reunir várias emoções conhecidas para que esse conceito faça sentido. Para aqueles que conhecem o conceito de emoção é tão normal quanto o conceito de "feliz" ou "triste", mas para outros não são emoções porque eles não conhecem esses conceitos de emoção. Assim como a realidade social construída cria conceitos de dinheiro ou cor - e nem dinheiro nem a cor existem no mundo físico -, as emoções existem nas nossas cabeças por meio de um acordo com o resto da sociedade.

### **1.3. A Emoção Ira**

A ira é uma emoção elementar que desempenha um papel importante na vida diária. É definida como uma reação emocional quando um organismo é bloqueado na consecução de um objetivo ou realização de uma necessidade, ou como reação a uma provocação (Izard, 1991; Novaco, 1975).

A ira é uma experiência emocional frequente, que pode ser geralmente experimentada uma ou mais vezes por semana e em resposta a pessoas que a pessoa conhece bem (Averill, 1983)<sup>7</sup>. Quando a ira é leve a moderada e expressa adequadamente, pode levar a resultados positivos, como solução de problemas, injustiça, comportando-se assertivamente, comunicando-se de forma eficaz e melhorando os relacionamentos (por exemplo, Averill, 1983)<sup>8</sup>. Quando a ira é intensa ou expressa de forma inadequada, pode resultar em desfechos indesejados, afetando não só a pessoa, mas aqueles que a rodeiam. Por exemplo, a ira está correlacionada com condições psicológicas negativas, como depressão, ansiedade geral, ansiedade social, baixo otimismo e reduzida autoestima que é causadora de problemas (Conger, Conger, Edmondson, Tescher e Smolin, 2003)<sup>9</sup>.

Em termos de saúde física, a ira está associada a dificuldades de sono, problemas de saúde e hábitos como o aumento do consumo de alimentos gordurosos e álcool e diminuição do exercício, e doenças cardiovascular (por exemplo, Kline, 2005)<sup>10</sup>. A ira também está associada com a adaptação psicossocial. Por exemplo, a ira está associada ao

---

<sup>7</sup> Vide Kassinove, Sukhodolsky, Tsytarev, & Solovyova, 1997.

<sup>8</sup> Vide Berkowitz, 1993; Novaco, 1976; Rothenberg, 1971.

<sup>9</sup> Vide Deffenbacher, Oetting, Thwaites, et al. 1996; Martin & Dahlen, 2005; Trew & Alden, 2009.

<sup>10</sup> Vide Narita, Murata, Takahashi, et al., 2007; Williams, Paton, Siegler, Eigenbrodt, Nieto e Tyroler, 2000.

aumento de comunicação e dificuldades relacionais (por exemplo, Baron, Smith, Butner, Nealey-Moore, Hawkins, & Uchino, 2007) em geral e em casos mais extremos de violência doméstica (por exemplo, Barbour, Eckhardt, Davison e Kassinove, 1998), com questões de local de trabalho como desempenho no trabalho, satisfação no trabalho e intenções de desistir do trabalho (por exemplo, Bruk-Lee, Khoury, Nixon, Goh e Spector, 2009)<sup>11</sup>, e com recursos a agressões verbais e físicas (Deffenbacher, Beeby, Lewis, & Ho, no prelo; Jacobson, Gottman, Waltz, Rushe, Babcock e Holtzworth-Munroe, 1994).

---

<sup>11</sup> Vide Douglas & Martinko, 2001.

## CAPÍTULO 2. DA ATIVIDADE POLICIAL

### 2.1. A Polícia

#### 2.1.1. A função de Polícia

Durante o seu trabalho como polícia, Benjamin van Gelderen encontrou muitas situações emocionais exigentes em que os seus colegas e ele próprio muitas vezes pareciam demonstrar emoções não sentidas ou reprimiam emoções que seria melhor não serem exibidas naquele momento particular. Durante as suas primeiras semanas de serviço, imaginou como os polícias poderiam ficar aparentemente intocados enquanto eram confrontados com pessoas bêbadas e ofensivas. Uma solução seria não levar isso para o lado pessoal, pois é parte do trabalho e isso não deve deixar a pessoa mais frustrada. Noutras ocasiões, revelou-se adequado mostrar empatia, embora essa emoção nem sempre fosse genuinamente sentida. Em contraste, ao interrogar um criminoso, Gelderen percebeu que às vezes agir de forma amigável pode ajudar a adquirir informações importantes. Caso contrário, as emoções não sentidas, como a ira, teriam que ser exibidas para corrigir um ofensor (ou agressor) e evitar que uma interação aumentasse de violência.

Essas situações ilustram os benefícios de agir com emoções durante o trabalho dos polícias. Além disso, as emoções formam uma parte inerente da vida das pessoas (do trabalho) diariamente. Não é de surpreender que a gestão e a exibição de emoções no local de trabalho recebam uma atenção considerável, pois podem influenciar o bem-estar individual e os resultados organizacionais. O termo trabalho emocional (tradução de *emotional labor*) foi introduzido pela primeira vez por Hochschild (1983) e refere-se a como os funcionários regulam as suas emoções como parte do papel do trabalho e às consequências de fazê-lo. Os tipos de emoções que uma empresa considera apropriados para mostrar aos clientes geralmente fazem parte da sua política e fazem parte das chamadas regras de exibição da empresa (Ekman, 1973; Grandey, 2000). Para aderir a essas regras de exibição, os funcionários podem envolver-se no trabalho emocional suprimindo emoções sentidas ou exibindo emoções que são diferentes das suas emoções genuinamente sentidas (Hochschild, 1983). Essa técnica de regulação da emoção, denominada atuação de superfície (tradução de *surface acting*), pode levar à dissonância emocional, que se refere a um estado de discrepância entre as emoções sentidas e exibidas. As evidências acumuladas nas últimas três décadas revelam que tanto a atuação superficial

como a dissonância emocional são prejudiciais ao bem-estar do empregado (cf. Ashfort e Humphrey, 1993)<sup>12</sup>. Devido ao crescimento da economia de serviços, um número crescente de organizações concentra-se em aumentar o seu nível de qualidade de serviço (Morris & Feldman, 1996). Conseqüentemente, os funcionários na maioria das profissões de serviço envolvem-se em trabalho emocional regularmente (Grandey, 2000). Os comissários de bordo, funcionários de *call center*, varejistas (tradução de *retailers*) e empregados de mesa têm em comum que eles geralmente são obrigados a exibir emoções positivas (não sentidas) e suprimir emoções negativas sentidas para dar a impressão de um serviço de alta qualidade (Hochschild, 1983). O trabalho emocional é presumivelmente também relevante para a profissão de polícia, que formam o grupo alvo do presente trabalho. As interações entre a força da ordem e civis podem ser bem diferentes das interações que ocorrem em ambientes regulares de serviço. Embora a exibição de emoções positivas possa ser relevante durante o trabalho dos polícias, em algumas circunstâncias parece apropriado suprimir imediatamente emoções positivas, como durante incidentes trágicos. Além disso, as emoções negativas podem às vezes ser apropriadas para serem exibidas, por exemplo, quando um polícia precisa de corrigir um infrator ou interrogar um criminoso. Noutras ocasiões, as emoções negativas (por exemplo, ira ou frustração) podem precisar de ser suprimidas para evitar que uma interação se agrave. Assim, os polícias podem envolver-se no trabalho emocional exibindo emoções positivas e negativas não sentidas. Além disso, em algumas circunstâncias, as emoções positivas e as negativas podem ser melhor suprimidas. Estes exemplos ilustram as várias facetas do trabalho emocional que podem diferenciar o trabalho dos policiais de outras ocupações de serviço; o trabalho emocional pode ser aplicado para oferecer um serviço de alta qualidade ao cliente, mas também, por exemplo, para servir ao propósito de lidar com situações emocionalmente exigentes e controlar as emoções de pessoas civis e infratores.

O trabalho emocional constitui uma parte importante do trabalho da polícia (Martin, 1999). Existe estudo empírico substancial para os efeitos prejudiciais da atuação superficial e dissonância emocional no bem-estar dos funcionários. No entanto, a pesquisa que examina os possíveis efeitos positivos da ação de superfície no bem-estar e desempenho está a faltar. Além disso, a dinâmica da exibição e a supressão de várias emoções durante o trabalho dos polícias podem exigir uma compreensão mais refinada da relação entre o trabalho emocional e o bem-estar dos funcionários.

---

<sup>12</sup> Vide Mesmer-Magnus, DeChurch, & Wax, 2012; Zapf, 2002.

Embora o trabalho emocional tenha algumas semelhanças interessantes com a atuação em palco (representar emoções não sentidas), a prática do trabalho policial é mais confrontante. A polícia deve garantir a segurança pública 24 horas por dia. Durante o trabalho, são confrontados com *stress* ocupacional, situações emocionalmente desgastantes e sofrimento humano como parte regular de seu trabalho (Biggam, Power & Macdonald, 1997; Brown & Sulzer-Azaroff, 1994; Johnson et al., 2005). Por exemplo, os policiais são confrontados diariamente com incidentes de violência (doméstica), acidentes de trânsito, crimes relacionados com drogas, roubos. Apesar das características interessantes do trabalho policial para a pesquisa emocional do trabalho, como a alta frequência diária, duração, variedade e intensidade das emoções sentidas ou emoções expressas durante interações emocionais exigentes, esse grupo ocupacional recebeu relativamente pouca atenção nesta área de pesquisa. No entanto, alguns estudos anteriores e importantes devem ser mencionados.

Stenross e Kleinman (1989) entrevistaram inspetores da polícia e mostraram que os mesmos usaram o trabalho emocional para capturar criminosos e até transformaram as interações num jogo. Além disso, Pogrebin e Poole (1998) descobriram que os policiais usavam o humor para mascarar a sua repugnância e medo pessoais e, assim, eram mais capazes de demonstrar autocontrole durante situações perigosas e trágicas. Embora o trabalho diário da polícia esteja cheio de incidentes perigosos e trágicos, o humor ainda parece ser um meio importante para lidar com essas experiências perturbadoras. Rafaeli e Sutton (1991) usaram um estudo qualitativo entre agentes de investigação criminal para examinar o uso de estratégias de influência social emocional para trazer a submissão nas outras pessoas. Este estudo mostrou que os suspeitos podem concordar com a investigação por causa da bondade percebida do polícia “bom” e estão inclinados a escapar a interação com o polícia “mau”. Na prática, esta técnica ainda é frequentemente usada.

Ao realizar o trabalho policial, ocorrem muitas interações emocionalmente exigentes. Diariamente, os polícias são confrontados com a tristeza humana na forma de violência, agressão, acidentes, vítimas de crime e morte (Brown & Campbell, 1990). Já que os polícias têm constantemente que mostrar as emoções certas para manter uma aparência profissional e alcançar objetivos organizacionais, a gestão de emoções tem um papel central na condução do trabalho policial. Portanto, não é surpreendente que a expressão e a supressão de uma ampla variedade de emoções sejam elementos importantes no desempenho do trabalho policial. A maioria dos empregos de prestação de serviços públicos exige que os funcionários suprimam emoções negativas e expressem emoções

positivas. Expressando essas emoções socialmente desejadas, assume-se uma dimensão fundamental de prestação de um serviço de alta qualidade e de atingir um nível mais elevado de satisfação do cliente (Tsai & Huang, 2002). No entanto, em comparação com a maioria das outras ocupações de serviço, uma característica típica do trabalho policial é que o trabalho policial exige a troca constante entre tipos diferentes de expressões emocionais, dependendo da situação. Ao lado da expressão de emoções positivas ou neutras, os policiais às vezes são obrigados a reprimir emoções positivas e expressar emoções negativas (Rafaeli & Sutton, 1991).

## **2.2. O GIOP**

O GIOP é uma Subunidade da Unidade de Intervenção (UI) da GNR, de escalão Grupo (Batalhão), constituído por cinco Companhias de Intervenção de Ordem Pública sendo cada uma destas constituída por três Pelotões de Intervenção de Ordem Pública (Oliveira, 2014).

Da Missão Geral atribuída à UI, inferem-se as seguintes tarefas como as mais ajustadas às atribuições deste tipo de Força: Manutenção e Restabelecimento da Ordem Pública (MROP); Segurança de Instalações Sensíveis; Segurança de Grandes Eventos; Apoio na Gestão e Resolução de Incidentes Críticos; Escolta a Valores, Pessoas e Bens; Participação da Guarda em Missões Internacionais com Forças Constituídas; Realização de Ações de Natureza Preventiva, em Apoio das demais Unidades da Guarda; Ministras Ações de Formação específica; Prestação de Honras Militares em complemento da Unidade de Segurança e Honras de Estado (LOGNR).

É de destacar a missão de Manutenção e Restabelecimento da Ordem Pública, que está inteiramente ligada às funções dos militares do GIOP, e que tem especial interesse para este trabalho. Pois é nessas situações que o autocontrolo das emoções assume um grande relevo. Estando a linha de Ordem Pública formada, é extremamente importante que os militares só atuem à ordem do comandante da força. Para tal é exigido aos militares do GIOP muito treino e constante formação e atualização nas várias matérias adjacentes às suas funções. Mas mesmo com esse treino, o autocontrolo parece algo impossível nos tumultos, por exemplo. Nestas situações, um dos objetivos desses grandes aglomerados de pessoas é provocar a desordem e perturbação, gritando e arremessando objetos, como pedras e garrafas de vidro, para a Força da Ordem, a qual tem de se manter firme e inatingida psicologicamente. Sob o olhar de um cidadão comum, nesta situação, a emoção

que mais se destaca será, por norma, a ira. Daí este trabalho se focar-se apenas nesta emoção relativamente aos militares do GIOP.

## CAPÍTULO 3. METODOLOGIA

O inventário STAXI-2 surge com a crescente preocupação acerca do papel da ira no desenvolvimento de problemas médicos e associado à necessidade de diferenciar a experiência de ira da expressão de ira. A experiência de ira é conceptualizada como tendo dois grandes componentes, ira como estado e ira como traço. No que se refere à expressão e controlo da emoção ira, o STAXI-2 contempla quatro componentes principais: Ira Manifesta, Ira Contida, Controlo Externo da Ira e Controlo Interno da Ira. A Ira Manifesta é entendida como a exteriorização da ira contra as pessoas e os objetos no ambiente circundante; a Ira Contida consiste na internalização da ira, com a possibilidade de autorrepressão da emoção; o Controlo Externo da Ira baseia-se no controlo dos sentimentos de aborrecimento, evitando a sua manifestação perante os outros; o Controlo Interno da Ira consiste na mitigação da ira, suprimindo-a silenciosamente e de modo controlado (Marques et al., 2007).

O inventário STAXI-2 permite aceder a componentes da ira que possibilitam avaliações detalhadas sobre personalidades sem e com alterações, facilitando a análise daquelas componentes com o desenvolvimento de problemas, nomeadamente, nos militares, para além de facilitar ou ajudar os militares em termos de adaptação e desenvolvimento de técnicas de autocontrolo da emoção ira.

A ira é assumida como um constructo multidimensional (Scherer, 1990) que consiste nas componentes emocional, fisiológica, expressiva, comportamental e cognitiva (Hodapp & Bongard, 2009). Spielberger (1988) sugeriu discriminar duas componentes da ira, Estado-Ira e Traço-Ira: Estado-Ira, que é a ira como estado, representa a componente emocional que está presente numa situação específica e pode mudar dentro de um assunto em diferentes situações. Em contraste, Traço-Ira, que é a ira como traço, é a disposição geral para sentir ira com frequência e intensidade. Presume-se que não varia dentro de um assunto entre as situações, mas como sendo uma disposição estável. Além disso, Spielberger (1988) demarcou a própria ira como traço do processamento e manipulação de emoções iradas. O autor sugeriu diferenciar três tendências no controlo de sentimentos de ira: primeiro, os sujeitos podem tender à ira introvertida, em segundo lugar, eles podem expressar francamente ou mostrar os seus sentimentos de ira, e terceiro, os sujeitos podem tender a controlar sentimentos de ira e suprimi-los.

O Estado-Ira-Expressão-Inventário (STAXI, STAXI-2; Spielberger, 1988, 1999)

baseia-se nesta definição e permite uma medição diferenciada destas cinco dimensões: com base no auto-relato, o STAXI avalia como uma pessoa se sente num dado momento (Estado-Ira), com que frequência, facilidade e intensidade a pessoa se sente irritada (Traço-ira) e o que a pessoa faz quando está com ira. O STAXI exhibe boa confiabilidade, com coeficientes alfa variando de 0,81 a 0,93 (Spielberger, 1988). A estrutura das subescalas da expressão da ira (Spielberger, Johnson, Russel, Crane, Jacobs, & Worden, 1985) foram replicadas numa amostra de infratores (Kroner & Reddon, 1992). Existem várias descobertas que apoiam a validade do STAXI e STAXI-2. Existem, por exemplo, associações entre Traço-Ira e Hostilidade, Ira-Expressão e Ansiedade, que indicam que o STAXI mede a ira de uma maneira altamente válida (Spielberger, 1988; Schwenkmezger, Hodapp, & Spielberger, 1992). O STAXI foi validado numa variedade de populações normais e clínicas e tem boas propriedades psicométricas (Müller, Bongard, Heiligtag & Hodapp, 2001).

Este inventário é constituído por 57 itens, incluindo 6 escalas (Ira Estado, Ira Traço, Ira Contida, Ira Manifesta, Controlo Interno da Ira e Controlo Externo da Ira), 5 subescalas e um Índice de Expressão da Ira (IEI). A escala Ira Estado inclui três sub-escalas, Sentimento, Expressão Verbal e Expressão Física, e a escala Ira Traço inclui duas subescalas, Temperamento e Reação (cf. Tabela 1).

O Índice de Expressão de Ira é baseado nas respostas aos 32 itens das duas escalas de Ira Expressão (Ira Contida e Ira Manifesta) e das duas escalas que avaliam o Controlo da Ira (Controlo Interno e Controlo Externo). É calculado com a seguinte fórmula:  $IEI = IM + IC - (CEI + CII) + 48$ . A constante 48 foi introduzida pelo autor para eliminar valores negativos. Para além das escalas e sub-escalas anteriormente referidas, o instrumento anexa um questionário que permite a caracterização sociodemográfica, incluindo questões sobre: idade, sexo, estado civil e profissão.

A estrutura do inventário é de tipo Likert. Para os 15 itens da IE (Parte 1), os sujeitos assinalam a intensidade da ira que sentem no momento — “como me sinto agora” — numa escala de quatro pontos de não (1) a muito (4). Para os dez itens da IT (Parte 2), marcam como se sentem normalmente — “como me sinto habitualmente” — numa escala de frequência de 4 pontos de quase nunca (1) a quase sempre (4). E, por último, para os 32 itens de Ira Expressão e Controlo da Ira (IM, IC, CII e CEI) (Parte 3) marcam como geralmente respondem ou se comportam quando se sentem irados ou furiosos — “quando estou zangado ou furioso como é que eu habitualmente reajo ou me comporto” — numa escala de frequência de 4 pontos igual à que é usada para a Parte 2 (isto é, de quase nunca a

quase sempre).

Seguindo as orientações do autor, o STAXI-2 adequa-se a avaliar a experiência, a expressão e o controle da ira em adultos e adolescentes (a partir dos 13 anos) (Spielberger, 1999). No manual, o autor apresenta os valores norma resultantes dos estudos com diversas amostras, podendo estes servir como referência na interpretação dos resultados em outros estudos.

Tabela 1 - Escalas do STAXI-2 (Fonte: Marquês, 2007)

Escalas e subescalas	Nº de itens	Pontuação	Descrição
Ira Estado (IE)	15	15-60	Mede a intensidade dos sentimentos de ira e o nível do desejo de exprimir a ira go que a pessoa apresenta num determinado momento (Itens de 1 a 15 inclusive)
Sentimento (IE-S)	5	5-20	Mede a intensidade de sentimentos de ira que a pessoa experimenta no momento (Itens 1,2,3,6 e 10)
Expressão verbal (IE-V)	5	5-20	Mede a intensidade de sentimentos experimentados no momento relacionados com a expressão verbal da ira (Itens 4, 9,12,13 e15)
Expressão física (IE-F)	5	5-20	Mede a intensidade de sentimentos experimentados no momento relacionados com a 1 expressão física da ira (Itens 5,7,8,11 e 14)
Ira Traço (IT)	10	10-40	Mede a frequência de sentimentos de ira experimentados ao longo do tempo (Itens de 16 a 25 inclusive)
Temperamento (IT-T)	4	4-16	Mede a tendência para experimentar ira sem provocação específica (Itens 16,17, 18 e 21)
Reação (IT-R)	4	4-16	Mede a frequência de sentimentos de ira que é experimentada em situações que envolvem frustração e avaliações negativas (Itens 19,20, 23 e 25)
Ira Manifesta (IM)	8	8-32	Mede a frequência de sentimentos de ira que são expressados por comportamentos agressivos verbais e físicos (Itens 27, 31, 35, 39,43,47,51 e 55)
Ira Contida (IC)	8	8-32	Mede a frequência de sentimentos de ira experimentados mas não expressados (contidos) (Itens 29, 33, 37, 41, 45, 49,53 e 57)
Controlo Externo da Ira (CEI)	8	8-32	Mede a frequência no controlo externo da expressão de sentimentos de ira (Itens 26, 30, 34,38,42,46,50 e 54)
Controlo Interno da Ira (CII)	8	8-32	Mede a frequência de tentativas que pessoa faz no controlo da expressão de sentimentos de ira para se acalmar e arrefecer os ânimos (Itens 28, 32, 36,40,44,48,52 e 56)
Índice de Expressão de Ira (IEI)	32	0-96	Oferece uma medida de expressão total da ira baseada nas pontuações das escalas IM, IC, CEI e CII

### 3.1. Natureza da investigação

Este trabalho foi desenvolvido na sequência de um trabalho de investigação aplicada e diz respeito, nos termos da legislação em vigor para o ensino universitário, ao trabalho de projeto, original e especialmente realizado para a obtenção de “uma especialização, de natureza académica, com recurso à atividade de investigação, de inovação ou de aprofundamento de competências profissionais”<sup>42</sup>, que é exigido nos ciclos de estudos integrados referentes ao grau de mestre (Academia Militar, 2015).

A metodologia, enquanto “processo ou método para atingir um fim” é fundamental para a resolução da problemática. O método científico consubstancia-se como o “conjunto de procedimentos e normas que permitem produzir conhecimento” (Sarmiento, 2013, p. 4), “com maior segurança e economia (...) traçando o caminho a ser seguido, detetando erros e auxiliando as decisões do investigador” (Freixo, 2012, p. 88). Torna-se assim estruturante a todo o processo de investigação, na medida em que permite aos autores estarem “mais adaptados aos fenómenos ou domínios estudados” (Quivy & Campenhoudt, 2013, p. 25).

Para a elaboração do trabalho recorreu-se às normas para a redação de trabalhos de investigação da Academia Militar<sup>43</sup> e, nas situações em que estas forem omissas, às normas APA<sup>44</sup>, 6.<sup>a</sup> edição.

### 3.2. Modelo de análise

A prossecução dos objetivos implica a identificação do problema da investigação, que consiste em dizer, “de forma explícita, clara, compreensível e operacional qual a dificuldade com a qual nos confrontamos e que pretendemos resolver, limitando o seu campo e apresentando as suas características” (Freixo, 2012, p. 185).

Com vista a determinar o fio condutor da investigação formula-se a seguinte pergunta de partida (PP), através da qual “o investigador procura exprimir o mais exatamente possível o que procura saber, elucidar, compreender melhor” (Quivy & Campenhoudt, 2013, p. 32):

**PP:** Como se processa o controlo da expressão de ira pelos militares do Grupo de Intervenção de Ordem Pública no exercício das suas funções?

---

<sup>42</sup> Conforme o artigo 20.º do Decreto-lei n.º 115/2013, de 7 de agosto.

<sup>43</sup> NEP n.º 522/ 1.ª, de 20 de janeiro de 2016 – Direção de Ensino da Academia Militar.

<sup>44</sup> *American Psychological Association*.

Com o intuito de dar resposta a esta problemática e de delimitar a investigação, apresentam-se as seguintes perguntas derivadas (PD):

PD1 – Qual a causa ou causas que podem provocar ira nos militares da GNR?

PD2 – Quais os fatores que influenciam a expressão da ira nos militares da GNR?

PD3 – Qual a perceção dos militares sobre a importância do autocontrolo da ira?

PD4 – Que estratégias podem os militares desenvolver para aumentar o autocontrolo da ira manifesta?

### **3.3. Método de abordagem da investigação**

Esta investigação alicerça-se nos métodos descritivo e inquisitivo. O método descritivo “assenta em estratégias de pesquisa para observar e descrever comportamentos, com a finalidade de fornecer uma caracterização precisa das variáveis envolvidas” (Freixo, 2012, pp. 117), isto é, “descreve fenómenos, identifica variáveis e inventaria factos” (Sarmiento, 2013, p. 8). Segundo Sarmiento (2013, p. 8), o método inquisitivo é baseado no interrogatório escrito e oral.

Dado que a “natureza do problema de investigação determina o tipo de métodos de colheita de dados a utilizar” (Fortin, 2009, p. 239), na presente investigação recorre-se primeiramente à análise documental, como apoio à abordagem conceptual, que é “produzida pelo investigador relativamente a fontes primárias, fontes secundárias e fontes bibliográficas” (Sarmiento, 2013, p. 27), incidindo sobre obras literárias, artigos e documentos oficiais (Quivy & Campenhoudt, 2013, p. 226). Em segundo lugar, numa abordagem empírica, que “pretende compreender e explicar o problema de partida da investigação” (Sarmiento, 2013, p. 29), utilizou-se o método inquisitivo, através da realização de inquéritos.

Os dados dos participantes foram diretamente importados da plataforma Google para o programa informático Statistical Package for Social Sciences (IBM, SPSS Statistics), versão 25.0 (2017).

Para os procedimentos descritivos da amostra, foram efetuadas medidas de tendência central e de dispersão. Para a análise de fiabilidade dos instrumentos, recorreu-se ao cálculo dos *alfa de Cronbach* que informam sobre a consistência interna da medida, ou seja, o seu grau de fiabilidade. Quanto mais elevado o valor (quanto mais próximo de 1) maior essa confiança, sendo que valores superiores a 0,70 permitem afirmar que as variáveis em estudo (escalas/dimensões), são bem explicadas pelos itens que as compõem,

sendo o valor de alfa considerado aceitável ou mesmo bastante aceitável. Garante-se, assim, que os respondentes são consistentes nas suas respostas, ou seja, que elas são tendencialmente dadas na mesma direção, pelo que variações individuais são verdadeiras e não resultam de erros estruturais da escala ou do item. Segundo Maroco & Marques (2006) o valor de alfa é considerado com consistência elevada se  $\alpha \geq 0,90$ , de boa consistência se  $\alpha$   $[0,80-0,90[$  e de baixa consistência se  $\alpha$   $[0,70-0,80[$ . De notar que valores muito baixos ou negativos podem indiciar uma direção conceptual oposta dos itens que compõem a escala, exigindo que sejam reformulados ou invertidos na sua cotação.

A análise da estrutura fatorial dos instrumentos foi explorada através da análise em componentes principais (ACP), usando rotação ortogonal Varimax ou não ortogonal Promax, consoante o instrumento.

### **3.4. Recolha de dados**

Os dados recolhidos através da análise documental revelam-se fundamentais para a elaboração da fase teórica da investigação. Esta análise consubstancia-se na comparação e sobreposição de ideias de diversos autores e de legislação relativamente às temáticas abordadas. Os documentos recolhidos e consultados revestem-se de suporte físico ou informático, pelo que a utilização da *internet* tornou possível o acesso a diversos artigos científicos, teses, revistas, *e-books* e, sobretudo, legislação.

De forma a complementar e sustentar a recolha de dados foi realizada uma pesquisa de fontes primárias, mais concretamente através de inquéritos e, de fontes secundárias, através da análise documental de fontes bibliográficas. Deste modo, é possível relacionar e comparar os dados através do seu cruzamento e sobreposição.

### **3.5. Sujeitos dos inquéritos**

Ao inquérito responderam os profissionais que exercem funções no GIOP na altura da elaboração do presente trabalho. No capítulo seguinte, capítulo 4, serão apresentados os dados demonstrativos das características sociodemográficas da amostra deste inquérito.

### **3.6. Local e data da pesquisa e recolha de dados**

Para a realização do enquadramento teórico da investigação a pesquisa e recolha de

dados através da análise documental ocorreu fundamentalmente no Quartel da Escola da Guarda em Queluz, no período compreendido entre abril e maio de 2019.

## **CAPÍTULO 4. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

### **4.1. Caracterização da amostra**

No presente capítulo são apresentados os resultados obtidos e a sua discussão, expondo com detalhe o trabalho empírico realizado (Sarmiento, 2013, p. 209).

Uma vez que o “método de recolha de dados deve ser adaptado ao tipo de dados a investigar” (Albarello, Digneffe, Hiernaux, Maroy, Ruquoy & Saint-Georges, 1997, p. 86), o questionário revelou ser a técnica mais apropriada, tendo em consideração o teor dos dados a obter.

Desta forma, é conduzida a apresentação, análise e discussão dos aspetos essenciais das respostas dos inquiridos às questões do inquérito, através da sua organização em tabelas de análise quantitativa.

A amostra deste estudo são militares do GIOP que no período compreendido entre março e abril do ano da elaboração deste estudo. No total responderam 130 militares, todos do sexo masculino. Estes 130 militares separam-se entre 6 oficiais da GNR, 9 militares da classe de Sargentos, e, os restantes 115 enquadram-se na classe de Guardas. As idades estão compreendidas entre os 30 e os 53 anos, tendo uma média de idade de 39,03 com um desvio padrão de 5,43. Cerca de metade dos inquiridos são casados, 66 militares, 36 dos militares são solteiros, 12 estão em união de facto e os restantes 16 estão divorciados. Em relação as habilitações académicas dos militares, 60 têm o 12<sup>a</sup> ano concluído, 60 militares têm o 9<sup>o</sup> ano concluído e os restantes 10 têm um curso de ensino superior concluído. Cerca de 97% dos inquiridos não estão a estudar de momento, que corresponde a 126 militares, os restantes 4 continuam os seus estudos académicos. Por fim, os anos de serviço dos militares estão compreendidos entre os 5 e os 30 anos de serviço, com uma média 16,52 e um desvio padrão de 5,47.

### **4.2. Análise à validade do STAXI-2**

No sentido de validar a constituição das escalas do STAXI-2, procedeu-se a uma análise em componentes principais. O valor de KMO de 0,51, que permite concluir da adequação do

método escolhido para a análise fatorial dos dados, tal como o teste de esfericidade de Bartlett,

que se mostrou altamente significativo ( $p < 0,001$ ) (Yong e Pearce, 2013) tornaram legítima a aplicação desta técnica. Foi usada a rotação ortogonal de tipo Varimax, de forma a maximizar as cargas fatoriais e considerou-se como critério de retenção de fatores os seus valores próprios serem maiores ou iguais a 1. Relativamente às escalas Estado de ira e Traço de ira não se verificaram diferenças na estrutura fatorial, quer face à versão original de Spielberger (1999), quer face à de Marques et al. (2007), sendo que a variância explicada após rotação Varimax foi de 26,71% para a escala de Estado e de 19,30% para a escala de traço (Tabela 2).

No caso das escalas de Expressão de ira e de Controlo de ira (Tabela 3), efetuou-se também uma análise exploratória, tendo-se encontrado diferenças na estrutura fatorial na versão de Marques et al. (2007), face à versão original de Spielberger (1999), com o aparecimento de uma solução intermédia. Assim, enquanto Spielberger aponta para 4 fatores (dois de Expressão e dois de Controlo), e Marques et al. (2007) sugerem 2 fatores (escala de Expressão e escala de Controlo), os resultados obtidos no presente estudo permitiram detetar 3 componentes, correspondentes a Ira Manifesta e Ira Contida, tal como definidos por Spielberger (1999), tendo-se mesmo verificado não ser necessário retirar os itens 31, 39 ou 51 (que foram mantidos). Um outro fator emergiu e corresponde ao Controlo da Ira, tal como definido por Marques et al. (2007), ou seja, em que não se distinguem as duas escalas teóricas. Será esta a estrutura adotada no presente trabalho por ser a que melhor se adequa aos dados obtidos. De referir que as três dimensões explicam, em conjunto, 48,1% da variância total (Tabela 3).

Itens	Cargas fatoriais	
	Estado	Traço
1. <i>Estou furioso(a)</i>	0,565	
2. <i>Sinto-me irritado(a)</i>	0,491	
3. <i>Sinto-me zangado(a)</i>	0,618	
4. <i>Apetece-me gritar com alguém</i>	0,726	
5. <i>Apetece-me partir coisas</i>	0,619	
6. <i>Estou louco/a de ira</i>	0,645	
7. <i>Apetece-me dar murros na mesa</i>	0,822	
8. <i>Apetece-me bater em alguém</i>	0,724	
9. <i>Apetece-me dizer palavrões</i>	0,726	
10. <i>Estou aborrecido(a)</i>	0,591	
11. <i>Apetece-me dar pontapés em alguém</i>	0,625	
12. <i>Apetece-me praguejar/amaldiçoar</i>	0,781	
13. <i>Apetece-me desatar aos berros</i>	0,737	
14. <i>Apetece-me bater em alguém</i>	0,623	
15. <i>Apetece-me gritar bem alto</i>	0,749	
16. <i>Irrito-me com facilidade</i>		0,721
17. <i>Tenho um temperamento exaltado</i>		0,746
18. <i>Sou uma pessoa colérica</i>		0,656
19. <i>Irrito-me quando sou prejudicado/a pelos erros dos outros</i>		0,646
20. <i>Aborreço-me quando não sou reconhecido(a) por fazer um bom trabalho</i>		0,624
21. <i>Perco as estribeiras</i>		0,717
22. <i>Quando estou furioso(a), digo coisas desagradáveis</i>		0,638
23. <i>Fico furioso/a quando me criticam na presença de outros</i>		0,553
24. <i>Quando fico frustrado(a), apetece-me bater em alguém</i>		0,412
25. <i>Sinto-me enfurecido(a) quando faço um bom trabalho e me dão avaliação fraca</i>		0,553
% Variância explicada (após rotação)	26,71%	19,30%

Tabela 2 - Estrutura fatorial das escalas de Estado de ira e Traço de ira (STAXI-2).

Itens	Cargas fatoriais
-------	------------------

	Controlo da ira	Ira Manifesta	Ira contida
44. Esforço-me por me acalmar outra vez	0,765		
46. Consigo evitar perder a calma	0,733		
38. Mantenho a calma, o sangue frio	0,742		
40. Tento moderar a minha ira	0,734		
42. Controlo o meu comportamento	0,715		
48. Consigo reduzir a minha ira rapidamente	0,716		
34. Controlo a necessidade que sinto de exteriorizar a minha ira	0,706		
32. Tento acalmar-me o mais depressa possível	0,700		
28. Respiro fundo e descontraio	0,676		
56. Tento relaxar	0,672		
50. Tento ser tolerante e compreensivo/a	0,683		
54. Controlo os meus sentimentos de ira	0,642		
26. Consigo controlar o mau génio	0,588		
30. Sou paciente com os outros	0,549		
36. Tento manter-me frio	0,497		
52. Faço algo de relaxante para me acalmar	0,415		
47. Discuto com os outros		0,679	
27. Expresso a minha ira		0,676	
55. Digo coisas desagradáveis		0,658	
35. Perco a paciência		0,584	
39. Faço comentários irónicos aos outros		0,582	
31. Quando alguém me aborrece, não deixo de dizer-lhe o que sinto		0,454	
33. Amuo ou fico calado/a		0,446	
51. Ataco tudo o que me enfureça		0,437	
43. Faço coisas como bater com as portas		0,417	
57. Fico muito mais irritado/a do que aquilo que as pessoas pensam			0,727
41. Fico a ferver por dentro, mas não o mostro			0,683
53. Fico mais zangado/a do que sou capaz de admitir			0,634
49. Sou bastante crítico/a com os outros, mas não o revelo			0,631
29. Guardo para mim o que sinto			0,579
45. Tendo a guardar rancor, mas não digo a ninguém			0,504
37. Afasto-me das pessoas			0,485
<b>% Variância explicada (após rotação)</b>	<b>26,30%</b>	<b>11,20%</b>	<b>10,60%</b>

Tabela 3 - Estrutura fatorial das escalas de Controlo e de Expressão da ira (STAXI-2).

### 4.3. Análise de consistência interna do STAXI-2

O estudo das qualidades psicométricas do STAXI-2 foi verificado, numa primeira fase, pela avaliação da consistência interna, tendo-se recorrido à utilização do coeficiente  $\alpha$ -Cronbach (Tabela 4). Como se pode verificar, os valores de  $\alpha$  publicados por Spielberger (1999) no manual do STAXI-2, são uniformemente elevados nas escalas e subescalas de *Estado* e *Traço* ( $\alpha \geq 0,84$ ), salvo a subescala *Ira como traço-Reação* com um valor de  $\alpha=0,76$  para as mulheres e  $0,73$  para os homens.

Também as duas escalas de Expressão de Ira (contida e manifesta) e o Índice de expressão de Ira apresentam coeficientes nessa ordem de grandeza ( $\alpha=0,73$  a  $\alpha=0,78$ ). Pode, pois, concluir-se que a consistência interna da versão original do STAXI-2 é satisfatória e não influenciada pelo género. Tal como na versão original, também a versão adaptada para português apresenta valores de  $\alpha$  aceitáveis ( $\alpha > 0,70$ ) em todas as escalas, salvo nas duas escalas de Expressão de ira onde se observa baixa consistência interna ( $\alpha < 0,70$ ), melhorando o índice quando da escala de Ira Manifesta se retiram três dos itens: 31, 39 e 51 (Marques et al., 2007).

Relativamente à amostra em estudo, foi feito o estudo prévio da consistência interna, tendo em conta quer a organização conceptual do instrumento original, quer a organização das escalas de Expressão de Ira e de Controlo de Ira proposta por Marques et al. (2007). Verificou-se que a dimensão Expressão de Ira (contida e manifesta) é a que apresenta menor consistência interna, tal como também haviam observado Marques et al. (2007), ainda que os valores obtidos neste estudo estejam dentro dos mínimos aceitáveis. Foi ainda testada uma variante ao instrumento original mantendo separadas as escalas de Ira contida e Ira manifesta, mas unificando numa só escala o Controlo de ira de forma análoga à de Marques et al. (2007). Face aos valores de alfa obtidos, todos  $> 0,70$  (Tabela 4), concluiu-se pela boa consistência interna das escalas e não se viu razão para não usar a organização da maioria das escalas, segundo a versão original, tanto mais que os valores de alfa na escala Ira manifesta ( $\alpha=0,73$ ) e Ira contida ( $\alpha=0,74$ ) são mais elevados que os obtidos quando os itens se organizam numa única escala ( $\alpha=0,70$ ). Esta foi, aliás, a opção que acabou também por ser efetuada por Marques et al. (2007), ainda que após a eliminação dos três itens. Contudo, quando se organizam numa única escala os itens de Controlo de ira para fora e para dentro, o alfa de Cronbach melhora ligeiramente ( $\alpha=0,92$ ), tendo sido esta a organização considerada neste estudo.

	ítems	Fem.	Masc.	et al., 2007	estudo
<b>1. Ira como estado</b>	15	0,92	0,94	0,9	0,91
<i>Sentimento</i>	5	0,87	0,88	0,74	0,79
<i>Expressão verbal</i>	5	0,88	0,87	0,82	0,88
<i>Expressão física</i>	5	0,85	0,88	0,87	0,84
<b>2. Ira como traço</b>	10	0,84	0,86	0,82	0,84
<i>Temperamento</i>	4	0,85	0,87	0,78	0,82
<i>Reação</i>	4	0,76	0,73	0,74	0,77
<b>3. Ira manifesta</b>	8	0,74	0,73	0,42(0,66)	0,73
<b>4. Ira contida</b>	8	0,78	0,74	0,61	0,74
<b>5. Controlo externo</b>	8	0,85	0,84	0,85	0,89
<b>6. Controlo interno</b>	8	0,93	0,91	0,85	0,83
Índice de expressão de ira	32	0,75	0,76	-	0,78

Tabela 4 - Consistência interna (alfa de Cronbach) das escalas e subescalas do STAXI-2.

#### 4.4. Estatísticas descritivas do STAXI-2

A tabela 5 mostra os valores mínimos, máximos, médias, desvios-padrão, medianas, assimetrias e achatamentos, para cada uma das escalas e subescalas do STAXI-2, segundo a estrutura adotada no presente trabalho, e com eles a percepção que cada respondente faz da sua experiência de ira.

Verifica-se que os valores das variáveis estão entre 1 e 4, logo os valores médios observados estão deslocados para a esquerda (assimetria positiva) face ao ponto intermédio da escala, sendo os desvios-padrão relativamente baixos (da ordem dos 0,3 a 0,6). Este facto é também evidenciado pelos resultados mínimos observados, encostados ao limite inferior das pontuações possíveis, ao contrário dos resultados máximos possíveis que, ou não se observaram, ou surgiram em menor número. Ainda que os coeficientes de assimetria não revelem enviesamentos demasiado vincados, a escala de Estado e as suas subescalas possuem também valores de achatamento mais elevados do que seria razoável a uma distribuição Normal. Contudo, tendo em atenção a dimensão da amostra (>60) considerou-se legítimo invocar o Teorema do Limite Central, como já atrás referido (Afonso, 2007; Field, 2005; Maroco, 2003), e optar pelo uso de técnicas de estatística paramétrica no tratamento dos dados.

	Nº de itens	Min	Max	M±DP	Me	Sk	Ku
<b>1. Ira como estado</b>	15	1,00	3,13	1,17±0,33	1,07	3,11	11,15
<i>Sentimento</i>	5	1,00	3,60	1,29±0,43	1,20	2,29	6,28
<i>Expressão verbal</i>	5	1,00	3,60	1,18±0,44	1,00	3,34	11,82
<i>Expressão física</i>	5	1,00	3,20	1,06±0,25	1,00	5,48	34,72
<b>2. Ira como traço</b>	10	1,00	3,60	1,71±0,49	1,60	1,34	2,80
<i>Temperamento</i>	4	1,00	4,00	1,41±0,48	1,25	2,12	6,12
<i>Reação</i>	4	1,00	3,83	1,91±0,51	1,83	0,79	0,86
<b>3. Ira manifesta</b>	8	1,00	3,50	1,73±0,43	1,75	1,12	2,53
<b>4. Ira contida</b>	8	1,00	3,88	2,02±0,50	2,00	0,68	0,58
<b>5. Controle de Ira</b>	16	1,00	4,00	2,89±0,59	2,94	-0,32	-0,39

mínimos (Min), máximos (Max), médias (M), desvios-padrão (DP), mediana (Me), assimetria (Sk) e achatamento (Ku)

Tabela 5 - Caracterização descritiva das diferentes escalas e subescalas do STAXI-2.

A tabela 6 mostra a percepção sobre a experiência, expressão e controle de ira na amostra em estudo através das médias totais, e correspondentes desvios-padrão, para cada uma das escalas e subescalas do STAXI-2. Salienta-se que os valores médios podem variar entre o mínimo de 1 e o máximo de 4, conforme a escala *Likert* utilizada, pelo que os resultados apresentados correspondem à média dos itens que compõem cada escala. Apresentam-se também os dados normativos publicados por Spielberger (1999) para a população adulta não-clínica. Ainda que os dados normativos tenham sido construídos pela média das somas dos respetivos itens, os valores reportados na tabela abaixo resultam da transformação necessária para poderem ser comparados com os dados do presente estudo.

O teste de Box para as escalas do STAXI-2 mostrou um  $p=0,006$ . Contudo, o teste de igualdade simultânea de todas as escalas do STAXI-2 entre homens e mulheres através da MANOVA, revelou um  $p=0,148$  para as quatro estatísticas de teste (traço de Pillai, lambda de Wilks, traço de Hotelling e matriz raiz de Roy). Estes resultados demonstram que não há efeito significativo da variável *sexo* em qualquer das escalas deste instrumento, o que leva à não existência de razões para afirmar que hajam diferenças estatísticas entre os homens e mulheres que responderam a este instrumento (Spielberger, 1999). O teste univariado veio confirmar que não existem efetivamente essas diferenças (teste t com valores  $p>0,05$ ).

Embora em nenhuma escala e subescala do STAXI-2 se consegue verificar

diferenças

estatisticamente significativas entre sexos, pois a população em estudo foi toda masculina, é de referir, contudo, que os valores se encontram para as mulheres são, em geral, ligeiramente mais baixos que para os homens, facto que está de acordo com o que é socialmente aceite e que Spielberg (1999) também relatou. Parece, pois, que os homens têm ligeiramente maior tendência a ser mais expressivos na zanga e menos capazes de a controlar, investindo menos energia na redução da sua intensidade. De notar, contudo, que as mulheres aparentam um traço de ira-temperamento ligeiramente superior ainda que não significativo. De referir, também, valores mais elevados nas escalas de Controlo de ira (para fora e para dentro), quer na amostra de conveniência usada, quer na amostra americana, o que sugere que, à parte as diferenças culturais entre os dois povos, a tendência a controlar sentimentos de ira, evitando a sua manifestação, e a mitigar a ira, suprimindo-a e reduzindo a sua intensidade, parece ser comum às duas culturas, ainda que Spielberg (1999) estabeleça os dados normativos com base numa população heterogénea de 1900 indivíduos, com idade média de 27 anos e de maior diversidade profissional, enquanto a população de conveniência deste estudo tem uma idade média de 36 anos e o grupo profissional mais representado é a dos “Agentes de Autoridade”.

	Nº de itens	Spielberger, 1999		Este estudo
		Fem.	Masc.	
<b>1. Ira como estado</b>	15	3,58±1,05	3,85±1,38	1,17±0,33
<i>Sentimento</i>	5	1,33±0,5	1,41±0,56	1,29±0,43
<i>Expressão verbal</i>	5	1,19±0,44	1,28±,53	1,18±0,44
<i>Expressão física</i>	5	1,07±0,25	1,16±0,42	1,06±0,25
<b>2. Ira como traço</b>	10	3,58±0,99	3,68±1,08	1,71±0,49
<i>Temperamento</i>	4	1,23±0,47	1,28±0,51	1,41±0,48
<i>Reação</i>	4	1,74±0,528	1,73±0,52	1,91±0,51
<b>3. Ira manifesta</b>	8	2,94±0,74	3,09±0,75	1,73±0,43
<b>4. Ira contida</b>	8	3,17±0,87	3,27±0,80	2,02±0,50
<b>5. Controlo externo</b>	8	4,64±1,02	4,70±1,00	2,89±0,59
<b>6. Controlo interno</b>	8	4,65±1,18	4,52±1,16	

Tabela 6 - Caracterização descritiva (média total e média por sexo) das escalas e subescalas do STAXI-2. Comparação dos dados normativos com os valores obtidos.

## CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

As emoções e as expressões faciais ainda estão a ser debatidas acerca do seu significado e do seu funcionamento. Contudo há duas hipóteses, que mais se destacam na comunidade científica, que tentam explicar o fenómeno da formação das emoções, dando-lhes um significado e uma origem. São essas duas hipóteses a perspectiva clássica e, mais recentemente elaborada, a Teoria da Emoção Construída. As emoções e as expressões faciais fazem parte integrante da nossa vida, sem as quais tornaria mais complicado compreender as pessoas que nos rodeiam, pois vivemos numa sociedade, onde cada emoção juntamente com a respetiva expressão facial tem atribuído um significado específico e aceite nessa mesma sociedade por forma a tonar as interações mais céleres e eficientes.

Seria de esperar que numa sociedade haja profissões em que estes conceitos tomam um papel predominante, profissões essas que envolvem interações interpessoais. É o caso das FS, que todos os dias lidam com os cidadãos tanto em situações mais e menos complexas. Já dentro das FS, e ainda com mais destaque, são os militares do GIOP que têm um ligação direta da importância das emoções no exercício das suas funções diariamente. Tendo como uma das suas missões a Manutenção e Restabelecimento da Ordem Pública, é imperativo a esses militares controlarem as suas emoções por forma a reduzir a probabilidade de erro das suas ações. Com o objetivo de estudar esse controlo desses militares, foi realizado um inquérito aos mesmos, o inventário STAXI-2 de Spielberger (1999), que foi adaptado a população portuguesa (Marques, et al., 2007). Os resultados desse inventário foram analisados aquando da sua validade e comparados com os resultados obtidos por Spileberger.

Respondendo e primeira pergunta derivada, “Qual a causa ou causas que podem provocar ira nos militares da GNR?”, pode-se afirmar que o stress, a falta de conhecimento das técnicas adotadas pela GNR e a falta de treino são apontadas como as principais razões e interligando com a segunda pergunta derivada, “Quais os fatores que influenciam a expressão da ira nos militares da GNR?”, aplicam-se os mesmos fatores e acrescentando as condições de trabalho, o horário alargado ou modificado como alguns dos fatores mais influenciadores. Em relação a perceção da importância do autocontrolo da ira por parte dos militares, a terceira pergunta derivada, os mesmos estão cientes que, sendo o autocontrolo importante, o treino e a preparação são os pilares para o aumento da eficácia desse

autocontrolo. Respondendo a última pergunta derivada, “Que estratégias podem os militares desenvolver para aumentar o autocontrolo da ira manifesta?”, os militares devem ter uma dedicação excecional à tarefa, contraente treino e atualização das matérias referentes as suas funções, e, a construção de fatores implementadores de confiança e camaradagem entre os militares do Grupo de Intervenção de Ordem Pública.

Para responder à pergunta de partida, “Como se processa o controlo da expressão de ira pelos militares do Grupo de Intervenção de Ordem Pública no exercício das suas funções?”, é necessário fazer a análise dos resultados obtidos com o inventário STAXI-2. Observando as tabelas do capítulo anterior podemos verificar algumas divergências, que são normais, pois os militares do GIOP, têm formação e treino específico para melhorar as suas ações, essa formação e o treino que já engloba o aperfeiçoamento do autocontrolo das emoções, daí, verificar-se valores mais baixos em quase todas as escalas e subescalas do STAXI-2, com maior relevo para as escalas de Ira Manifesta e Ira Contida, o que significa que os militares do GIOP conseguem ser menos influenciados pela emoção de ira, tanto a nível do que sentem como ao nível do que demonstram. Também é de realçar autocontrolo interno e externo da emoção ira por parte dos militares, tendo obtido também valores mais baixo nestas duas escalas, o que os torna mais eficientes em relação a restante população. Desta forma, podemos afirmar que o treino específico e a constante formação e atualização tornam os militares do GIOP aptos, e os mais indicados para cumprir as missões que lhes são atribuídas.

Ao realizar este trabalho deparei-me com várias dificuldades e limitações, nomeadamente a falta de oportunidade de inquirir todos os elementos do GIOP, uma vez que os mesmos estão deslocados pelo país e não terem muito tempo devido aos horários que têm para cumprir no seu dia a dia. Outra limitação foi o facto de haver muitas temáticas abordadas terem fontes pouco recentes, com o mundo em constante evolução é necessário atualizarmos também os conceitos que podem sofrer alterações ao longo do tempo.

Para estudos futuros, seria oportuno realizar este tipo de análise, no apenas para o GIOP mas sim para toda a GNR, pois todos os militares da GNR estão constantemente a passar por situações complexas tal como os militares do GIOP.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Livros, artigos científicos e outros documentos impressos:

- Academia Militar. (2015). NEP 520/4.<sup>a</sup>: Trabalho de Investigação Aplicada. Lisboa: Academia Militar.
- Academia Militar. (2016). NEP 522/1.<sup>a</sup>: Normas para a Redação de Trabalhos de Investigação. Lisboa: Academia Militar.
- Albarello, L., Digneffe, F., Hiernaux, J., Maroy, C., Ruquoy, D., & Saint-Georges, P. (1997). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Ashfort, B.E., & Humphrey, R.H. (1993). *Emotional labor in service roles: The influence of identity*. *Academy of Management Review*, 18, 88-115.
- Averill, J. R. (1983). *Studies on anger and aggression. Implications for theories of emotions*. *American Psychologist*, 38, 1145–1160. doi: 10.1037/0003-066X.38.11.114
- Barbour KA, Eckhardt C, Davison GC, & Kassinove H (1998). *The experience and expression of anger in martially violent and martially discordant-nonviolent men*. *Behavior Therapy*, 29, 173-191.
- Barrett, L. F. (2017). *How emotions are made: The secret life of the brain*.
- Baron KG, Smith TW, Butner J, Nealey-Moore J, Hawkins MW, & Uchino B (2007). *Hostility, anger, and marital adjustment: Concurrent and prospective associations with psychological vulnerability*. *Journal of Behavioral Medicine*, 30, 1-10.
- Berkowitz L (1993). *Aggression: its causes, consequences, and control*. New York; McGraw Hill.
- Biggam, F.H., Power, K.G., MacDonald, R.R. (1997). *Coping with the occupational stressors of police work: A study of Scottish Officers*. *Stress Medicine*, 13, 109-115.
- Birdwhistell. R. L. *Mimics and context*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1970.
- Boucher, J. D.. & Brandt. M. E. *Judgment of emotion from American and Malay antecedents*. *Journal of Cross Cultural Psychology*, 1981. 12(3). 272-283.
- Brown, J.M., & Campbell, E.A. (1990). *Sources of occupational stress in the police*. *Work & Stress*, 4, 305-318.

- Brown, C.S., & Sulzer-Azaroff, B. (1994). *An assessment of the relationship between customer satisfaction and service friendliness. Journal of Organizational Behavior Management*, 14, 55-75.
- Bruck-Lee V, Khoury HA, Nixon AE, Goh A & Spector PE (2009). *Replicating and extending past personality/job satisfaction meta-analyses. Human Performance*, 22, 156-189.
- Conger JC, Conger AJ, Edmondson C, Tescher B, & Smolin J (2003). *The relationship of anger and social skills to psychological symptoms. Assessment*, 10, 248-258.
- Darwin, C. *The expression of the emotions in man and animals*. London: John Murray. 1872. Chicago: University of Chicago Press. 1965.
- Deffenbacher JL, Beeby AC, Lewis JE, & Ho TN (1994). *Prediction of the frequency of anger consequences. In JP Welty (Ed.), Psychology of Anger: Symptoms, Causes and Coping. Hauppauge, NY: Nova Science Publishers.*
- Deffenbacher JL, Oetting ER, Thwaites GA, Lynch RS, Baker DA, Stark RS, et al. (1996). *State-trait anger theory and the utility of the trait anger scale. Journal of Counseling Psychology*, 43, 131-148.
- Douglas SC & Martinko MJ (2001). *Exploring the role of individual differences in the prediction of workplace aggression. Journal of Applied Psychology*, 86, 547-559.
- Eibl-Eibesfeldt, I. *Similarities and differences between cultures in expressive movements.* In R. A. Hinds (Ed.). *Nonverbal Communication*. Cambridge University Press, 1972.
- Ekman, P. (1973). *Cross culture studies of facial expression.* In P. Ekman (Ed.), *Darwin and facial expression: A century of research in review*. New York: Academic Press.
- Ekman, P., & Friesen, W. V. *The repertoire of nonverbal behavior: Categories, origins, usage, and coding. Semiotica*. 1969, 1, 49-96.
- Fortin, M. (2009). *Fundamentos e Etapas do Processo de Investigação*. Loures: Lusididática.
- Freixo, M. (2012). *Metodologia científica: fundamentos, métodos e técnicas* (4<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Grandey, A.A. (2000). *Emotion regulation in the workplace: A new way to conceptualize emotional labor. Journal of Occupational Health Psychology*, 5, 95-110.
- Hodapp, V., & Bongard, S. (2009). *Ärger. In V. Brandstätter & J. H. Otto (Eds.), Handbuch der Allgemeinen Psychologie – Motivation und Emotion* (pp. 612-622). Göttingen: Hogrefe.

- Hochschild, A.R. (1983). *The managed heart*. Berkeley: University of California Press.
- Izard, C. E. (1991). *The psychology of emotions*. New York: Plenum Press.
- Johnson, S., Cooper, C., Cartwright, S., Donald, I., Taylor, P., & Millet, C. (2005). *The experience of work-related stress across occupations*. *Journal of Managerial Psychology*, 20, 178-187.
- Kassinove H, Sukhodolsky D, Tsytsarev S, & Solovyova S (1997). *Self-reported anger episodes in Russia and America*. *Journal of Social Behavior and Personality*, 12, 301-324.
- Kline, R. B. (2005). *Principles and practice of structural equation modeling* (2nd edition). New York: Guildford Press.
- Klineberg, (1940). *Social ps•hology*. New York: Henry Holt.
- Kroner, D. G., & Reddon, J. R. (1992). *The Anger Expression Scale and State-Trait Anger Scale; Stability, Reliability and Factor Structure in an Inmate Sample*. *Criminal Justice and Behavior*, 19, 397-408.
- LaBarre, W, (1947). *The cultural basis of emotions and gestures*. *Journal of Personality*. 16. 49-68
- Lakoff. G., & Kovecses. Z. (1983). *The cognitive model of anger inherent in American English*. *Berkeley Cognitive Science Report No. 10*. University of California. Berkeley.
- Leach. E. (1972). *The influence of cultural context on nonverbal communication in man*. In R. Hinds (Ed.), *Nonverbal communication*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lorenz. K. (1963). *Evolution and modification of behavior*. Chicago: University of Chicago Press.
- Martin, S.E. (1999). *Police force of police service? Gender and emotional labor*. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 1, 111-126.
- Martin RC & Dahlen ER (2005). *Cognitive emotion regulation in the prediction of depression, anxiety, stress and anger*. *Personality and Individual Differences*, 39, 1249-1260.
- Maroco, J., & Garcia Marques, T. (2006). *Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas*. *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 65–90.
- Marques, M. I. D., Mendes, A, C., & De Sousa, L. (2007). *Adaptação para português do inventário da expressão da ira-estado-traço (STAXI-2) de Spielberger (1999)*.

- Psychologia, 46, 85–104.
- Matsumoto, D., Ekman, P., & Friesen, W. V. (2008). *Depression and facial affect*.
- Mead, M. (1973). *Review of Darwin and facial expression*. *Journal of Communication*, 1973, 25(1), p209-213.
- Mesmer-Magnus, J.R., DeChurch, L.A., & Wax, A. (2012). *Moving emotional labor beyond surface and deep acting: A discordance-congruence perspective*. *Organizational Psychology Review*, 2, 6-53.
- Morris, J., & Feldman, D.C. (1996). *The dimensions, antecedents, and consequences of emotional labor*. *Academy of Management Review*, 21, 986-1010.
- Müller, C., Bongard, S., Heiligtag, U., & Hodapp, V. (2001). *Das State-TraitÄrgerausdrucks-Inventar (STAXI) in der klinischen Anwendung: Reliabilität und faktorielle Validität*. *Zeitschrift für Klinische*.
- Pogrebin, M.R., & Poole, E.D. (1988). *Humor in the briefing room: A study of the strategic uses of humor among police*. *Journal of Contemporary Ethnography*, 17, 183-210.
- Narita K, Murata T, Takahashi T, Hamada T, Kosaka H, Yoshida H, et al (2007). *The association between anger-related personality trait and cardiac autonomic response abnormalities in elderly subjects*. *European Archives of Psychiatry and clinical Neuroscience*, 257, 325-329.
- Novaco R. W. (1976). *The functions and regulation of the arousal of anger*. *American Journal of Psychiatry*, 133, 1124-1128.
- Novaco, R. W. (1975). *Anger Control: The development and evaluation of an experimental treatment*. Lexington, MA: Lexington Books. *Psychologie und Psychotherapie*, 30(3), 172-181.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2013). *Manual de investigação científica em ciências sociais* (6ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Rafaeli, A., & Sutton, R.I. (1991). *Emotional contrast strategies as means of social influence: Lessons from criminal interrogators and bill collectors*. *Academy of Management Journal*, 34, 749–775.
- Rothenberg A (1971). *On anger*. *American Journal of Psychiatry*, 128, 454-460.
- Sarmiento, M. (2013). *Metodologia científica para a elaboração, escrita e apresentação de teses*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.
- Scherer, K. R. (1990). *Theorien und aktuelle Probleme der Emotionspsychologie*. In K. R. Scherer (Ed.), *Psychologie der Emotion* (pp. 1-38). Göttingen: Hogrefe.

- Schwenkmezger, P., Hodapp, V., & Spielberger, C. D. (1992). *Das State-Trait-Ärgerausdrucks-Inventar (STAXI)*. Bern: Huber.
- Spielberger, C. D. (1988). *State-Trait-Anger-Expression-Inventory*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologist Press.
- Spielberger, C. D. (1999). *State-Trait Anger Expression Inventory-2 (STAXI-2)*. Professional Manual. Tampa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Spielberger, C. D., Johnson, E. H., Russel, S. F., Crane, R. J., Jacobs, G. A., & Worden, T. J. (1985). *The experience and expression of anger: Construction and validation of an anger expression scale*. In M. A. Chesney & R. H. Rosenman (Eds.), *Anger and hostility in cardiovascular and behavioral disorders* (pp. 5-30). New York: Hemisphere/McGraw-Hill.
- Stenross, B., & Kleinman, S. (1989). *The highs and lows of emotional labor: Detectives' encounters with criminals and victims*. *Journal of Contemporary Ethnography*, 17, 435-452.
- Tomkins, S. S. (1962). *Affect. imagery. consciousness (Vol. I. The Positive Affects)*. New York: Springer, 1962.
- Trew JL & Alden LE (2009). *Predicting anger in social anxiety: The mediating role of rumination*. *Behavior Research and Therapy*, 47, 1079-1084.
- Tsai, W., & Huang, Y. (2002). *Mechanisms linking employee affective delivery and customer behavioral intentions*. *Journal of Applied Psychology*, 87, 1001-1008.
- Oliveira, P. E. S. (2014). *Pela Lei e Pela Grei, Nº 104 – outubro - dezembro*. *Grupo de Intervenção de Ordem Pública*. p. 40-53.
- Williams JE, Paton CC, Siegler IC, Eigenbrodt ML, Nieto FJ, & Tyroler HA (2000). *Anger proneness predicts coronary heart disease risk: Prospective analysis from the atherosclerosis risk in communities (ARIC) study*. *Circulation*, 2, 2034-2039.
- Yong, G., Pearce, S. (2013). *Tutorials in Quantitative Methods for Psychology*, Vol. 9(2), p. 79-94.
- Zapf, D. (2002). *Emotion work and psychological well-being. A review of the literature and some conceptual considerations*. *Human Resource Management Review*, 12, 237-268.

**APÊNDICES**  
**APÊNDICE A – CARTA DE APRESENTAÇÃO**



**ACADEMIA MILITAR**

**Mestrado Integrado em Ciências Militares na especialidade de Segurança**

**IRA CONTIDA E IRA MANIFESTA – ESTUDO DE CASO  
APLICADO AO GRUPO DE INTERVENÇÃO DE ORDEM  
PÚBLICA DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA**

**Autor:** Aspirante de Infantaria da GNR Vitalie Mitul

**Orientador:** Prof. Doutora Elisabete Sofia Nabais de Oliveira de Freitas e Menezes

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada**

**Lisboa, setembro de 2019**

## CARTA DE APRESENTAÇÃO

O meu nome é Vitalie Mitul, sou Aspirante-Aluno de Infantaria da GNR, a frequentar o 5.º e último ano do Mestrado Integrado em Ciências Militares, na especialidade de Segurança e estou a realizar um TIA (Trabalho de Investigação Aplicada) subordinado ao tema: “*Ira contida e Ira manifesta – estudo de caso aplicado ao grupo de intervenção de ordem pública da guarda nacional republicana.*”

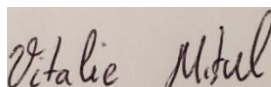
A referida investigação tem como objetivo geral compreender de que forma a emoção “ira” se manifesta nos militares do GIOP (Grupo de Intervenção de Ordem Pública) aquando do exercício das suas funções e principalmente nas situações de maior *stress*. Para tal pretendo aplicar um questionário que permite aceder a componentes da ira que possibilitam avaliações detalhadas sobre personalidades sem e com alterações, facilitando a análise daquelas componentes com o desenvolvimento de problemas nos militares, para além de facilitar ou ajudar os militares em termos de adaptação e desenvolvimento de técnicas de autocontrolo da emoção ira.

Assim sendo, solicito a V. Ex<sup>a</sup> que responda ao questionário que se segue, sendo que o seu contributo se revelará preponderante para que se atinjam os objetivos propostos na investigação.

A informação facultada será tratada de forma confidencial, uma vez que não será requerida em qualquer momento a sua identificação. As respostas serão apenas tratadas no âmbito desta investigação e unicamente por meio de técnicas estatísticas de tratamento conjunto de resultados.

Grato pela colaboração disponibilidade,

Atenciosamente,



Vitalie Mitul

Aspirante de Infantaria da GNR

## DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Os seguintes dados são considerados apenas para efeitos estatísticos.

Idade: \_\_\_\_\_

Sexo:           Feminino \_\_\_\_

                  Masculino \_\_\_\_

Estado civil: Solteiro \_\_\_\_

                  Casado \_\_\_\_

                  Separado/divorciado \_\_\_\_

                  Viúvo \_\_\_\_

                  Outra situação \_\_\_\_

Escolaridade: 1º ciclo (4º ano) \_\_\_\_

                  2º ciclo (6º ano) \_\_\_\_

                  3º ciclo (9º ano) \_\_\_\_

                  Secundário (12º ano) \_\_\_\_

                  Superior \_\_\_\_

Situação académica atual:   Estuda \_\_\_\_

                                  Não estuda \_\_\_\_

## APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO

### STAXI-2

**Instruções:** Este inventário é composto por um conjunto afirmações. Leia atentamente cada uma das afirmações que se seguem e decida até que ponto concorda ou discorda das mesmas. Para cada uma das frases, assinale a sua resposta com um X na coluna que acha descrever melhor a sua forma de pensar. Para mostrar em que medida concorda ou discorda com cada uma das afirmações, as colunas onde deve dar a sua resposta representam vários graus de concordância que vão desde o 1 - “Não/Quase nunca” até ao 4 - “Muito/Quase sempre”. Porque as pessoas são diferentes, não há respostas certas ou erradas. Procure, pois, responder verdadeira, espontânea e rapidamente a cada questão.

	1	2	3	4
1. Estou furioso(a)				
2. Sinto-me irritado(a)				
3. Sinto-me zangado(a)				
4. Apetece-me gritar com alguém				
5. Apetece-me partir coisas				
6. Estou louco/a de ira				
7. Apetece-me dar murros na mesa				
8. Apetece-me bater em alguém				
9. Apetece-me dizer palavrões				
10. Estou aborrecido(a)				
11. Apetece-me dar pontapés em alguém				
12. Apetece-me praguejar/amaldiçoar				
13. Apetece-me desatar aos berros				
14. Apetece-me bater em alguém				
15. Apetece-me gritar bem alto				
16. Irrito-me com facilidade				
17. Tenho um temperamento exaltado				
18. Sou uma pessoa colérica				
19. Irrito-me quando sou prejudicado/a pelos erros dos outros				
20. Aborreço-me quando não sou reconhecido(a) por fazer um bom trabalho				
21. Perco as estribeiras				
22. Quando estou furioso(a), digo coisas desagradáveis				
23. Fico furioso/a quando me criticam na presença de outros				
24. Quando fico frustrado(a), apetece-me bater em alguém				

25. Sinto-me enfurecido(a) quando faço um bom trabalho e me dão avaliação fraca				
44. Esforço-me por me acalmar outra vez				
46. Consigo evitar perder a calma				
38. Mantenho a calma, o sangue frio				
40. Tento moderar a minha ira				
42. Controlo o meu comportamento				
48. Consigo reduzir a minha ira rapidamente				
34. Controlo a necessidade que sinto de exteriorizar a minha ira				
32. Tento acalmar-me o mais depressa possível				
28. Respiro fundo e descontraio				
56. Tento relaxar				
50. Tento ser tolerante e compreensivo/a				
54. Controlo os meus sentimentos de ira				
26. Consigo controlar o mau génio				
30. Sou paciente com os outros				
36. Tento manter-me frio				
52. Faço algo de relaxante para me acalmar				
47. Discuto com os outros				
27. Expresso a minha ira				
55. Digo coisas desagradáveis				
35. Perco a paciência				
39. Faço comentários irónicos aos outros				
31. Quando alguém me aborrece, não deixo de dizer-lhe o que sinto				
33. Amuo ou fico calado/a				
51. Ataco tudo o que me enfureça				
43. Faço coisas como bater com as portas				
57. Fico muito mais irritado/a do que aquilo que as pessoas pensam				
41. Fico a ferver por dentro, mas não o mostro				
53. Fico mais zangado/a do que sou capaz de admitir				
49. Sou bastante crítico/a com os outros, mas não o revelo				
29. Guardo para mim o que sinto				
45. Tendo a guardar rancor, mas não digo a ninguém				
37. Afasto-me das pessoas				